

DESESTRANGEIRIZAÇÃO: UM CONCEITO EM EXPANSÃO PARA O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

FRANCISCO MUENZER SOARES; DENISE MARCOS BUSSOLETTI²

¹Universidade Federal de Pelotas– *chico.muenzer@gmail.com*

²Universidade Federal de Pelotas – *denisebussoletti@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o intuito de expor brevemente as contribuições e os contextos nos quais o conceito de desestrangueirização têm sido usado. Este termo guia a minha pesquisa de dissertação de mestrado, a qual está sendo realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Como veremos a seguir, a desestrangueirização relacionada ao ensino de língua inglesa vem sendo recentemente desenvolvida pelo pesquisador Flávio Almeida dos Anjos, professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). O conceito pode ser visto no título de alguns de seus artigos (ANJOS, 2017) e, com mais profundidade e amplitude, no livro “Desestrangueirizar a língua inglesa: um esboço da política linguística” (ANJOS, 2019).

Durante seus escritos, Anjos dialoga com autores de referência das áreas sobrepostas do Inglês como Língua Franca/Inglês como Língua Global, sendo Jennifer Jenkins (2009), David Crystal (2008) e, principalmente, Kanavillil Rajagopalan (2019) bastante recorrentes em suas proposições teóricas e práticas.

Portanto, além de apresentar os usos do conceito de desestrangueirização, cabe revelar as circunstâncias que me fizeram chegar até ele, assim como descrever sucintamente suas articulações teóricas e consonância com a Base Comum Curricular (BNCC). Esses são os objetivos a serem alcançados a seguir.

2. METODOLOGIA

No momento em que ingressei no Programa de Pós-Graduação em Educação havia uma linha denominada “Epistemologias Descoloniais, Educação Transgressora e Práticas de Transformação”, a qual hoje é chamada de “Saberes Insurgentes: Pedagogias Transgressoras”. Não só por conta das nomenclaturas, mas sim pelos debates suscitados durante a trajetória acadêmica como pós-graduando, despertou-me curiosidade saber se haveria pesquisas que dessem conta de refletir possibilidades de ensinar inglês tendo um enfoque avesso ao colonialismo. Assim, cheguei em alguns trabalhos. Com eles, vim a prestar maior atenção no que as proposições recentes da Base Nacional Comum Curricular (2017) colocava para os docentes do supracitado idioma.

A partir de então, percebi a relevância do conceito que é a temática deste trabalho. Primeiramente tive contato com ele por conta dos escritos de Anjos. E, com a decisão de toma-lo como guia para a pesquisa, encontrei outros trabalhos que o citavam. Portanto, foram feitas pesquisas na Base de Dissertações e Teses da Capes e na Base de Periódicos da Capes com o termo, fazendo parte da minha revisão bibliográfica para dissertação.

Inicialmente, eu havia feito a leitura apenas de trabalhos que versassem sobre o ensino de língua inglesa, no entanto, foi verificada a necessidade de, por vezes,

ir além, lendo trabalhos que tivessem outros contextos de ensino de línguas. Assim, foi possível traçar um panorama mais acurado do surgimento do conceito, o qual pode ser visto na próxima seção.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao pesquisar o conceito e suas possíveis variantes — como desestrangeirizar, desestrangeirizando — verificou-se que ele tem uso mais longínquo no contexto de ensino de português como língua estrangeira e, principalmente, tratando de modo geral, de abordagens comunicativas para o ensino de língua estrangeira. Nogueira (2008), em uma pesquisa sobre o ensino de língua espanhola, aponta Almeida Filho (1998) como precursor do termo. Para este, “aprender LE [língua estrangeira] assim é crescer numa matriz de relações interativas na língua-alvo que gradualmente se desestrangeiriza para quem a aprende” (FILHO, 1998, p. 15), ou seja, é um processo em que “a nova língua para se desestrangeirizar vai ser aprendida para e na comunicação sem se restringir apenas ao domínio de suas formas e do seu funcionamento enquanto sistema” (FILHO, 1998, p. 12).

Com essa concepção, o pesquisador incentiva docentes e discentes a tomar o idioma para si, respeitando cada uma de suas identidades. Ao propor um ensino que prioriza o viés comunicativo, há um intenso diálogo com o professor britânico Henry Widdowson, que também se dedica a refletir sobre o uso global da língua inglesa. Por conseguinte, as proposições de Filho são atuais, ainda mais considerando que em 2017, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), em seu componente encarregado ao inglês, colocou como prioridade “o foco da função social e política do inglês”, passando a considerá-la “em seu status de língua franca”. O documento ressalta o contexto globalizado, multilíngue e intercultural do idioma, renegando a perspectiva do inglês como língua estrangeira e, inclusive, afirmando o posicionamento eurocêntrico que ela pressupõe em suas práticas (BRASIL, 2017, p. 241).

Nesse sentido, a BNCC demarca acolhimento e legitimação aos usos da língua espalhados pelo mundo, sem ficar presa ao modelo do falante nativo. Trata-se de uma visão “plural e desterritorializada” do ensino do idioma (BRASIL, 2017, p. 484).

Portanto, pode-se perceber a relevância de pensar a desestrangeirização do idioma. Anjos, o autor que mais vem utilizando o termo recentemente, apresenta diversos argumentos de rejeição às práticas de ensino que têm o falante nativo como modelo. Além de referências teóricas, o autor traz o seu relato pessoal e os relatos de outros pesquisadores e pesquisadoras que tiveram experiências negativas na época em que eram aprendizes da língua inglesa e foram, digamos, “vítimas” dessa “pedagogia inapropriada” (ANJOS, 2019, p. 93).

Ao encontro da BNCC, o autor entende que a desestrangeirização nada mais é que o processo de uma língua deixar de ser estrangeira no sentido pleno do termo. Para Anjos, isso ocorre quando um número significativo de pessoas que não nasceram em ambientes onde a língua era de uso comum passam a utilizar o idioma com cada vez mais frequência e com cada vez mais propriedade. Em decorrência, a língua “passa a fazer parte do repertório total linguístico de quem assim recorre a ela [...] Ela é, em outras palavras, naturalizada” (ANJOS, 2019, p. 16).

Cabe ainda citar a dissertação de Elizandra Carvalho (2013). Através de outros referenciais, ela pensa a desestrangeirização por meio de um ensino/aprendizagem da língua inglesa que busca desviar o foco do macro, do

caráter hegemônico deste idioma, que vá além da simples aquisição do código em si. Em uma perspectiva que também comunga com o que a versão mais recente da BNCC estabelece, a pesquisadora toma o cotidiano como espaço de produção de conhecimentos, almejando abordar o ensino/aprendizagem da Língua Inglesa com enfoque na formação política e crítica (CARVALHO, 2013, p. 14).

4. CONCLUSÕES

No documento que rege o currículo da educação básica há um caráter desestrangeirizador, que busca respeitar as identidades nacionais e culturais, incentivando que o conhecimento da língua sirva para que os/as estudantes entendam melhor o mundo no qual fazem parte. De tal modo, diante da iminência de seguir a BNCC e pensar o inglês como língua franca, é provável que haja cada vez mais pesquisas relacionadas a esta perspectiva, com o desenvolvimento e consolidação de novos conceitos — isto inclui a desestrangeirização, tendo grande potencial de expansão. Assim, justifico a relevância da minha dissertação e o presente excerto aqui registrado.

Se antes a língua inglesa era estrangeira, quase intocável, com os/as estudantes sendo recorrentemente desencorajados a usarem o português até mesmo para traduzir palavras desconhecidas durante o processo de aprendizagem, agora, abre-se a possibilidade de superarmos os sentimentos de inferioridade impostos por esses processos, valorizando a nossa identidade nacional. Para além disso, o caminho que está sendo percorrido é de uma aula de inglês interdisciplinar, que vise discutir e enfrentar as desigualdades inerentes à ordem social que vivemos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANJOS, Flávius Almeida dos. **Desestrangeirizar a língua inglesa**: um esboço da política linguística. Cruz das Almas: Editora UFRB, 2019.
- ANJOS, F. A. dos. O inglês como língua franca global da contemporaneidade: em defesa de uma Pedagogia pela sua desestrangeirização e descolonização. **Revista Letra Capital**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 95–117, 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/lcapital/article/view/8590>. Acesso em: 26 jul. 2023.
- CARVALHO, Elizandra Roberta Neves de. **Desestrangeirização**: reflexões de uma professora de língua inglesa em processo de descolonização. 2013. 155 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1620075>. Acesso em: 22 set. 2023.
- DE ALMEIDA FILHO, J. C. P. **Dimensões comunicativas no ensino de línguas**. Pontes, 1998.
- CRYSTAL, D. Local Englishes. Disponível em: <http://www.davidcrystal.com/>. Acesso em: 13/set/2017, 2008.
- JENKINS, J. English as a lingua franca: interpretations and attitudes. **World Englishes**, v. 28, p. 200-207, 2009.
- Nogueira, L. C. R. **A presença das expressões idiomáticas (EIs) na sala de aula de E/LE para brasileiros**. 31/01/2008 249 f. Mestrado em LINGÜÍSTICA APLICADA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

RAJAGOPALAN, K. Prefácio. In: ANJOS, Flávius Almeida dos. **Desestrangeirizar a língua inglesa**: um esboço da política linguística. Cruz das Almas: Editora UFRB, 2019.